

PHILIP
YANCEY

A PERGUNTA
QUE NÃO
QUER CALAR



MC

PHILIP YANCEY

A PERGUNTA QUE
NÃO QUER CALAR

Traduzido por
ALMIRO PISETTA

Sumário

<i>Agradecimentos</i>	5
1. Onde está Deus?	7
2. “Eu quero saber por quê!”	17
3. Quando Deus dormiu demais	57
4. A cura do mal	93
5. Três testes extremos	127
<i>Notas</i>	135
<i>Bibliografia</i>	139

1

Onde está Deus?

MEU PAI CONTRAIU PÓLIO um pouco antes do meu primeiro aniversário. Paralisado do pescoço para baixo, lá estava ele, preso a um respirador artificial. Minha mãe levava meu irmão de 3 anos e eu para o hospital e nos erguia até a altura da janela da ala de isolamento para que, através de um espelho, seu marido pudesse ter um vislumbre dos filhos que não podia carregar no colo nem tocar.

Meu pai preparara-se para viajar e ser missionário na África, e, quando adoeceu, milhares de pessoas numa corrente de oração resolveram orar por sua cura. Ninguém podia acreditar que Deus fosse “levar” uma pessoa tão jovem e vibrante, com um ministério tão promissor pela frente. De fato, os que estavam mais perto dele sentiam-se tão convencidos de que ele seria curado que decidiram, com o consentimento dele, tomar uma decisão de fé e retirá-lo do respirador. Duas semanas

depois, ele faleceu. Eu cresci órfão de pai, sob aquela sombra da oração não atendida.

Mais tarde, como jovem jornalista com a idade de meu pai quando de seu falecimento, comecei a escrever artigos sobre “O drama da vida real” para a revista *Reader’s Digest*, retratando o perfil de pessoas que haviam sobrevivido a tragédias. Muitas e muitas vezes ouvi de meus entrevistados que “os cristãos pioravam as coisas” oferecendo conselhos contraditórios. *Deus está punindo você. Não, é Satanás! Nem uma coisa, nem outra: Deus lhe impôs essa aflição por amor, pois você foi escolhido especialmente para demonstrar sua fé. Não, Deus quer sua cura!*

Eu não sabia como responder a essas pessoas, e na verdade eu mesmo também precisava de respostas. Diante de uma pergunta embaraçosa, tendo a escrever sobre ela, porque o processo da escrita me proporciona a oportunidade de visitar peritos e bibliotecas e consultar a Bíblia em busca de respostas. Em consequência disso, aos 27 anos, escrevi meu primeiro livro propriamente dito: *Onde está Deus quando chega a dor?*

Embora eu tenha escrito sobre muitos outros tópicos, essa questão que obscureceu minha infância e dominou a fase inicial de minha carreira de escritor nunca me abandonou. Ainda continuo recebendo uma enxurrada de respostas de pessoas devastadas pela dor e pelo sofrimento. Recentemente, juntei todas as cartas escritas por gente que se debate com essa mesma questão — mais de mil no total. A releitura delas mais uma vez me lembrou que a dor cria, na vida de muitos, uma espécie de estática, um ruído ambiente. Alguns convivem com uma enfermidade,

uma constante dor física ou com a solitária maldição da depressão clínica. Outros sentem uma frequente angústia causada pela preocupação com entes queridos: um cônjuge lutando contra algum vício, filhos numa rota de autodestruição, um pai ou uma mãe com o mal de Alzheimer. Em algumas partes do mundo, cidadãos comuns enfrentam diariamente o profundo sofrimento gerado pela pobreza e a injustiça.

Numa das cartas que recebi, uma garota de 16 anos que vinha estudando o Perfil Forense da Personalidade Criminal articulou uma das questões mais prementes:

Andei estudando assassinatos. Apreendi sobre as vítimas, seus familiares e o inconcebível tormento vivido por eles. Não estou falando de mártires ou missionários que deliberadamente entregaram a vida pela fé, mas sim de vítimas inocentes de crimes absurdos. Eu acredito num pai celestial que ama seus filhos e deseja o bem para todos nós e, embora não acredite que Deus tenha sido a causa do que aconteceu com essas pessoas, minha luta em minha vida de fé consiste em saber por que ele, podendo ajudar, não interveio. Então, minha pergunta é esta: se Deus não protegeu aquelas pessoas e aquelas crianças inocentes que foram torturadas (enquanto algumas delas até clamavam pedindo-lhe que as salvasse), como posso acreditar que ele vai me proteger? Eu quero crer, mas me sinto como aquele sujeito da Bíblia que disse a Jesus: “Creio... mas ajuda-me a vencer a minha incredulidade”.

A PERGUNTA QUE RETORNA

Embora eu tenha alguma experiência pessoal de dor — ossos quebrados, pequenas cirurgias, um acidente de carro que pôs

minha vida em risco —, aprendi muito mais ouvindo as histórias de outras pessoas. Quando minha mulher trabalhava como capelã hospitalar numa casa de saúde para pacientes terminais, muitas vezes durante o jantar ela me fazia relatos de conversas com famílias que estavam tentando entender a morte. Nossa comida era temperada com lágrimas. E, como jornalista, ouvi histórias angustiantes de muitas outras pessoas: pais chorando o suicídio de seu filho *gay*, um pastor sofrendo da implacável esclerose lateral amiotrófica, cristãos chineses revivendo a brutalidade da Revolução Cultural.

Por voltar constantemente ao tema do sofrimento, às vezes sou convidado a falar sobre a pergunta do meu primeiro livro: “Onde está Deus quando chega a dor?”. Nunca vou me esquecer do dia em que fiz uma turnê por memoriais improvisados que brotaram espontaneamente como flores no *campus* da Virginia Tech e depois falei perante mil estudantes (meu Deus, tão jovens!) com seus rostos duramente marcados pela dor da perda de 33 colegas de classe e professores. Ou de um cenário igualmente macabro no ano seguinte, quando eu estava em Mumbai, na Índia, para dar uma palestra sobre um tópico de outra natureza, e então houve o ataque terrorista no Hotel Taj Mahal e em outros pontos da cidade, o que me obrigou a mudar o local e o assunto de minha palestra — voltando à pergunta que não quer calar.

Em 2012, fiz palestras sobre esse assunto em três ocasiões, nas mais terríveis circunstâncias. Um evento aconteceu após uma catástrofe natural; outro teve lugar numa cidade assolada

pela guerra; o terceiro aconteceu mais perto de casa e foi, para mim, o mais comovente.

Em março, apresentei-me perante congregações da região de Tohoku, no Japão, no primeiro aniversário do *tsunami* que invadiu a terra numa velocidade de avião a jato, arrancando trilhos ferroviários como se fossem gravetos e arremessando navios, ônibus, casas e até aeronaves pelo território devastado. Em sua esteira, com dezenove mil mortos e aldeias inteiras varridas para o mar, uma industriosa nação secular normalmente sem tempo para questões teológicas quase não pensava em outra coisa.

Em outubro, falei sobre o tema da dor em Sarajevo, uma cidade que tinha passado quatro anos sem aquecimento, combustível ou eletricidade, sofrendo com a escassez de alimento e água, suportando o mais longo cerco de guerra da era moderna. Dez mil cidadãos morreram em consequência de ataques diários de francoatiradores e de lançamentos de bombas e granadas que caíam do céu como granizo. Um dos sobreviventes me disse: “A pior coisa é que a gente se acostuma com a maldade. Se tivéssemos sabido com antecedência por quanto tempo duraria aquilo, provavelmente teríamos cometido suicídio. Com o passar do tempo, a gente para de se preocupar. Só se tenta continuar vivo”.

Quando 2012 ia chegando ao fim, aceitei a mais árdua de todas as tarefas, não em termos de quantidade de sofrimento — que aliás nunca se pode quantificar —, mas em termo da pura e simples intensidade do horror e do sofrimento íntimo. No fim de semana depois do Natal, dirigi minha palavra à

comunidade de Newtown, no estado de Connecticut, uma cidade atordoada pelo absurdo morticínio de vinte alunos do primeiro grau e seis professores e funcionários.

Um motorista de ambulância resumiu o estado de espírito geral. “Todos nós que integramos o corpo de bombeiros e o serviço de ambulâncias somos voluntários”, disse ele. “Eu já vi coisas terríveis, mas não somos treinados para algo dessa natureza — ninguém é. E minha mulher é professora da escola primária de Sandy Hook. Ela conhecia as vinte crianças pelo nome, assim como conhecia os professores e funcionários. Ela estava três passos atrás da diretora, Dawn Hochsprung, quando Dawn gritou: ‘Volte, é um francoatirador!’. Depois de se esconder durante o massacre, minha mulher teve de caminhar passando ao lado dos corpos de colegas no saguão. E as crianças também...”

Depois de uma breve pausa para controlar a voz, ele prosseguiu: “Todo mundo experimenta a dor em algum momento — no pior dos casos, a dor terrível de perder um filho na infância. Eu vejo o impacto que isso causa no meu serviço de primeiro socorrista, especialmente após um suicídio. A gente vive na dor como se estivesse numa bolha, e somente aos poucos volta para o mundo. A gente vai à quitanda. Volta ao trabalho. No fim, aquele mundo exterior vai exigindo cada vez mais de você, e a dor começa a diminuir. Aqui em Newtown, formamos uma comunidade pequena. Aonde quer que a gente vá, lá está a lembrança do que aconteceu. Você vai a uma loja e vê memoriais das vítimas. Caminha pela rua e vê nos pórticos sinais de quem perdeu uma criança. Não dá para fugir disso.

É como se alguém tivesse colocado uma redoma de vidro sobre a cidade e retirado todo o oxigênio. Não conseguimos respirar por causa da dor”.

Meu convite para falar em Newtown foi feito por um velho amigo chamado Clive Calver. Ele dirigia o movimento Juventude Para Cristo, na Inglaterra, lá pelos anos 1970, quando eu era editor da revista *Campus Life*, do mesmo movimento. Depois, seguimos caminhos diferentes: ele foi trabalhar para agências internacionais de ajuda humanitária, e eu segui a carreira de escritor independente. Clive atualmente é pastor de uma florescente igreja de 3.500 membros situada bem perto de Newtown. “É como se eu tivesse treinado a vida inteira para este papel”, disse ele quando me ligou na semana anterior ao Natal. “Na agência internacional de ajuda humanitária, eu estava à frente de uma equipe de assistência a vítimas de acidentes e contava com vinte mil socorristas espalhados pelo mundo inteiro. Agora, porém, são meus vizinhos e membros da minha igreja que foram diretamente afetados. Estão todos fazendo aquela pergunta sobre a qual você escreveu anos atrás: ‘Onde está Deus quando chega a dor?’. Será que você poderia vir aqui e fazer uma palestra?”

NATAL, SUFOCADO

Para mim, o Natal de 2012 foi diferente de todos os outros. A morte de meu pai, que se deu no dia 15 de dezembro, sempre amortecia o espírito natalino em minha casa, e agora o tiroteio de 14 de dezembro lançara uma nuvem negra sobre toda a nação. Senti um violento golpe no estômago. O que

aconteceu de errado conosco e com o nosso país? Ninguém conseguia entender o jovem saído de um ambiente privilegiado que invadiu a escola e metodicamente assassinou uma vintena de crianças aterrorizadas.

Assisti aos noticiários e estudei minuto a minuto a cronologia do que aconteceu aquele dia naquela escola primária. Li na Internet o perfil de cada criança e, nesse processo, acabei conhecendo cada uma pelo nome e pelo rosto: a Catherine com seu chocante cabelo vermelho, o sorriso banguela do Daniel, os luminosos olhos azuis da Emilie, o sorriso maroto de Jesse. Li sobre os animais de estimação dessas crianças, seus *hobbies*, as brincadeiras que aprontavam com os irmãos, suas alergias alimentares e seus ídolos esportivos. Vidas truncadas depois de meros seis ou sete anos haviam deixado uma profunda marca.

O que ouvi em Newtown naquele fim de semana — as histórias, as indagações, os gritos de confusão e protestos — despertaram lembranças de outras reações ao sofrimento que vivi ao longo dos anos. Por que coisas ruins acontecem? Por que Deus permite que a maldade siga seu terrível curso? Que possível bem pode provir desses acontecimentos? Não parei de lutar com esses questionamentos desde o meu primeiro livro, e tive de enfrentá-los novamente na minha palestra para a comunidade de Newtown.

Quando parti para Connecticut, o editor americano de *Onde está Deus quando chega a dor?* disponibilizou gratuitamente essa obra na Internet. Postei um *link* no Facebook, e o editor emitiu uma nota de divulgação, mas sem fazer

propaganda da oferta. Esperávamos algumas centenas de respostas, talvez até mil. Em vez disso, como ficamos sabendo depois, mais de cem mil pessoas baixaram o livro em poucos dias. Obviamente, outras pessoas têm essa mesma indagação. E foi assim que decidi deixar de lado outros projetos de livros e revisei a pergunta que havia explorado pela primeira vez mais de três décadas atrás.

O inverno se prolongava na região montanhosa do Colorado enquanto eu escrevia. Até o mês de abril de 2013, dava para ver pela janela um cenário de surpreendente beleza: árvores sempre verdes cobertas de neve recente tingidas com laivos de ouro do sol matinal, em contraste com o céu do Colorado e sua cor de oceano tropical. E, em seguida, eu evocava os rostos da angústia que vi no Japão, em Sarajevo e em Newtown.

De repente, um novo conjunto de rostos se juntou a eles. No dia 15 de abril, dois imigrantes estragaram um dia de alegria e triunfo em Boston plantando bombas perto da linha de chegada da Maratona daquela cidade. Uma corrida que havia começado de modo sombrio, com 26 segundos de silêncio em homenagem às vítimas de Newtown, terminou numa tragédia inominável. A quinta maior cidade do país ficou em estado de sítio enquanto a polícia procurava os terroristas que haviam causado três mortes e ferido centenas de cidadãos. Dois dias depois, uma fábrica de fertilizantes explodiu na cidade de West, no Texas, causando a morte de dez bombeiros e de mais cinco pessoas — um desastre que recebeu pouca atenção nos noticiários em vista da intensa caçada humana que acontecia em Boston. Depois, na mesma semana, um terremoto abalou Sichuan,

na China, matando aproximadamente duzentas pessoas e ferindo mais de oito mil. Estava muito claro que os questionamentos de 2012 sobre o sofrimento continuavam em 2013.

Eu poderia escrever sobre o tópico da dor enfocando um ano qualquer. De fato, vivemos num planeta frágil, prejudicado por doenças, inundações e secas, terremotos, incêndios, guerras e atos de violência e terrorismo. Catastrófico ou banal, o sofrimento está sempre por perto, à espreita. Todos os dias, recebo um novo relatório do *site* da organização *Caring Bridge* [Ponte da preocupação] sobre algum amigo hospitalizado que sobrevive por aparelhos, ou de alguém que está se recuperando de um enfarte ou lutando contra um câncer.

Tenho plena consciência de que nenhum livro pode “resolver” o problema da dor. Mesmo assim, sinto-me na obrigação de passar adiante o que aprendi na terra do sofrimento. Se os cristãos têm uma boa-nova para compartilhar, alguma mensagem de esperança ou conforto para um mundo ferido, essa boa-nova e essa mensagem devem começar aqui.